ARTE, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: DISPUTAS EM TORNO DO MONUMENTO A CRISTÓVÃO COLOMBO DE BUENOS AIRES

Roberto Heiden / UFPEL

RESUMO
O texto fala sobre a substituição do monumento a Cristóvão Colombo pela estátua da guerreira Juana Azurduy, na cidade de Buenos Aires, capital da Argentina. Essa mudança gerou uma polêmica com ampla repercussão social. O estudo sobre os desdobramentos e a repercussão dessa mudança revela aspectos do campo do patrimônio cultural no país, disputas em torno de sua memória histórica e informações sobre sua legislação e instituições patrimoniais. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas, revisão bibliográfica e análise de informações publicadas pela imprensa local. Essas fontes permitiram compreender a participação de diferentes atores que se envolveram na disputa em torno do referido monumento.

PALAVRAS-CHAVE
Monumento a Cristóvão Colombo; Buenos Aires; memória; patrimônio cultural.

ABSTRACT
The purpose of this research is to establish a relation between the replacement of a Monument to Christopher Columbus by a statue of Juana Azurduy, in the city of Buenos Aires, capital of Argentina. This change generated a wide series of controversy and social repercussion. The study of its after effects unveils aspects of the Cultural Heritage Science in the country, disputes for its historical memories and informations about its legislation and heritage institutions. This research was based on interviews, literature review and information gathered from local press magazines. The usage of these sources had made possible to comprehend the participation of the many different actors involved in the dispute of the aforementioned Monument.

KEYWORDS
Christopher Columbus Monument; Buenos Aires; memory; cultural heritage.

A Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA), com seu rico patrimônio cultural, tem sido palco de muitos debates sobre preservação, em polêmicas que envolvem desde monumentos até o patrimônio edificado. A Argentina possui instituições e normas próprias para a valorização e preservação do seu patrimônio, seja de ordem federal ou provincial. No âmbito do grande acervo de Buenos Aires encontram-se muitas obras de arte pública, feitas em materiais e suportes variados e ligadas a fatos históricos de várias épocas.

Os processos de valorização, patrimonialização e preservação desses bens fomentam importantes debates coletivos. O estudo sobre esses debates torna possível a compreensão de características do campo do patrimônio cultural do país, de suas normas e instituições, além de relações com conceitos de memória, identidade e os inúmeros atores patrimoniais que participam desse espaço social.

Disputas em torno do patrimônio são comuns na Argentina e se materializam por diversos meios e motivos, desde questões que envolvem conflitos entre interesses públicos e privados, até disputas sobre a memória histórica do país. É sobre esse segundo aspecto que se instaurou a polêmica em torno da remoção do monumento a Cristóvão Colombo, que se iniciou no ano de 2013. Esse conjunto escultórico de grandes dimensões foi substituído por uma nova estátua da Guerreira Juana Azurduy. O procedimento desencadeou naquele ano uma série de manifestações no país, encabeçadas, sobretudo, por Cristina Kirchner e Mauricio Macri, respectivamente, a presidenta da Argentina e o prefeito da CABA.

A polêmica em torno do monumento a Cristóvão Colombo não é um fato isolado na Argentina. Dada à situação de precariedade em que muitas vezes se encontram alguns importantes bens patrimoniais do país, a mídia costuma explorar esse tema e acaba por motivar um debate com forte repercussão no público e nas redes sociais. Várias ONGs voltadas à defesa do patrimônio argentino são também atuantes e contribuem para a mobilização da opinião pública.

Como casos recentes podem ser citados os vagões de madeira *La Brugeoise* do metrô da CABA. No ano de 2013, após cerca de 100 anos em funcionamento, esses vagões foram descartados (embora tenham sido reconhecidos por legislação específica como patrimônio da CABA). O conjunto de painéis de azulejos

decorativos encontrados em muitas estações do metrô portenho (alguns deles com mais de 80 anos e reconhecidos como monumentos nacionais) e o Parque Lezama (praça pública que assim como o monumento a Cristóvão Colombo tem sido motivo de atrito entre o governo nacional e o governo da CABA) são também casos com grande repercussão devido ao risco de preservação dos referidos bens.[1]

O monumento a Cristóvão Colombo e os demais exemplos acima são reconhecidos como patrimônio cultural (seja de ordem federal ou provincial), além de compartilharem do fato de terem sido polêmica em razão de ações ou decisões que colocaram em risco a sua preservação. Desta forma, este texto busca analisar a polêmica em torno da remoção do monumento a Cristóvão Colombo ao relatar a repercussão que esse ato teve na imprensa do país, compreendendo, assim, características do campo patrimonial argentino.

Ao utilizarmos a expressão *campo*, baseamos nossa leitura no conceito de Bourdieu (1996), que explica o campo como um espaço social onde são produzidas/reproduzidas determinadas formas de existência e compreensão do mundo e da sociedade, formas essas que são legitimadas justamente no contexto desse campo. Por sua vez, Leonardo Castriota (2009) estabelece as relações entre o conceito de campo e de patrimônio, ao falar sobre o *Campo do Patrimônio Cultural*. Nesse sentido, o patrimônio cultural é produzido e reconhecido na Argentina, na medida em que o campo patrimonial do país dispõe de características tais que tornam possível a sua existência em sociedade.

Destacamos a importância de se discutir essa temática, na medida em que o reconhecimento das diversas formas de arte pública como patrimônio é uma maneira de se preservar essa tipologia de bem cultural e tornar possível a sua memória para futuras gerações. A Argentina possui casos importantes que ilustram essas ideias. Dessa forma, este texto foi realizado a partir de pesquisa feita em publicações com informações sobre o tema. Foram entrevistados profissionais do campo do patrimônio cultural na Argentina e realizada observação no local onde se encontrava o monumento a Cristóvão Colombo e hoje se encontra a nova estátua para Juana Azurduy. Também foi consultada a legislação patrimonial da Argentina e publicações oficiais de instituições patrimoniais do país.[2]

Disputas em torno do translado do monumento a Cristóvão Colombo

O monumento a Cristóvão Colombo representa o famoso navegador Genovês que chegou a América no ano de 1492. A estátua foi realizada na Itália pelo escultor florentino Arnaldo Zocchi (1862–1940) e montada na Argentina sob a supervisão do mesmo. O imigrante italiano Antonio Devoto foi o promotor e padrinho da execução do monumento, ofertado como um presente da comunidade italiana para a nação Argentina, em seu primeiro centenário de independência. A pedra fundamental para a instalação do monumento foi colocada em maio de 1910, enquanto que sua inauguração ocorreu em junho de 1921. O monumento foi instalado em um local estratégico, atrás da Casa Rosada, sede até os dias de hoje do poder executivo da Argentina e uma das zonas mais conhecidas de Buenos Aires.[3]

Na época, o monumento foi aceito e instalado com o respaldo da *Ley nº 5105* de 1907. Compondo o conjunto escultórico, dentre as inúmeras figuras humanas ali retratadas, encontrava-se em destaque a representação de Colombo, com um olhar fixo no horizonte, provavelmente olhando ou rememorando rotas de navegação. A remoção do monumento a Cristóvão Colombo foi iniciada no ano de 2013 e possuía grande complexidade, não sendo um procedimento indicado por especialistas em preservação de obras de arte, na medida em que o conjunto escultórico teria cerca de 620 toneladas de peso e mais de 25 metros de altura. O monumento provavelmente não havia sido concebido por seu autor para ser desmontado e reconstruído em outro lugar. Apesar das recomendações dos especialistas e ONGs sobre os riscos que se apresentavam para o translado do monumento, mesmo assim, o conjunto escultórico foi partido em dezenas de pedaços para que pudesse ser posteriormente transportado e reconstruído em outro local.[4] Após recursos judiciais a remoção do monumento foi interrompida e esses pedaços ficaram por inúmeros meses distribuídos pelos jardins da Casa Rosada (ver imagens 1 e 2):

Imagem 1

Imagem 2

Monumento a Cristóvão Colombo desmembrado e distribuído pelos jardins da Casa Rosada, Buenos Aires, Argentina.
Fotografias: Roberto Heiden, janeiro de 2015.

A decisão inicial da presidenta Cristina Kirchner, no ano de 2013, era de reconstrução do monumento a Colombo na cidade de Mar Del Plata (Argentina). A comunidade italiana de Buenos Aires se mostrou incomodada com a proposta de translado e de substituição do referido monumento por uma estátua de Juana Azurduy, estátua essa que foi presenteada a Argentina pelo governo da Bolívia, em decisão do presidente Evo Morales. Porém, as reações de oposição à mudança de local da estátua não partiram somente da comunidade italiana, e sim de muitos grupos, tais como a ONG *Basta de Demoler*, a ONG *Salvemos las Estatuas*, e diversos outros, tendo sido apresentadas inclusive ações judiciais (LOPEZ, 2014, p. 1–28).[5] Existem diversas ONGs voltadas para a defesa do patrimônio cultural no país, sobretudo em Buenos Aires. Essas ONGs tem sido um fator importante para os conflitos no campo do patrimônio cultural, na medida em que defendem esse acervo.

Dentre as manifestações na época realizadas, Gabriel Levinas (2014)[6], por exemplo, falou sobre o monumento como uma “víctima de la batalla cultural” em um texto que expressa sua opinião sobre o fato, publicado no diário La Nacion (2014):

> La talibanización de este monumento histórico nos permite comprender muchas de las políticas que hoy nos resultan incomprensibles. Dicho de otro modo, la suerte del Monumento a Cristóbal Colón es un ejemplo de cómo el terso y majestuoso mármol de nuestro acervo cultural puede ser convertido, por los caprichos del poder, en un rompe cabezas de destino incierto. En un reportaje reciente, el "descultor" Omar Estela sostenía que Colón le dio la espalda a América tal como ahora le daba la espalda a la ciudad. Sus prejuicios casi infantiles respecto del navegante nos permiten

> dudar de si Estela abriga sinceras intenciones en este encargo". (LEVINAS, 2014)

A manifestação de Levinas sugere várias das dimensões simbólicas envolvidas nesta polêmica. Nesse sentido, destacamos que embora se trate de um monumento que possa suscitar relações com a história de descoberta/colonização/exploração da América Latina de séculos atrás, o mesmo também permite que sejam estabelecidas relações com vários valores do presente, posicionamentos políticos, que se mesclam a essa memória histórica, e que são elencados pelos diferentes atores que participaram do processo de disputa em torno de sua remoção ou não remoção. Na prática, o monumento manifesta suas qualidades enquanto patrimônio cultural, pelas diferentes maneiras como é apropriado e relacionado ao passado e ao presente.

Para além desses usos da memória histórica, existem questões relativas às normas patrimoniais em vigência na Argentina, e a própria história da estátua enquanto monumento. O vice-presidente da ONG *Basta de Demoler* Santiago Pusso (2015)[7] explica que houve uma situação institucional grave de omissão a toda uma normativa patrimonial vigente, porém, ignoraram-se também argumentos importantes. Argumentos esses que motivaram a ONG a entrar na justiça contra a remoção do monumento. Ele se refere ao fato de que a obra teria sido presente da comunidade italiana para a Argentina, para ser instalada especificamente no local onde ela se encontrava, havendo legislação específica para o estabelecimento do sítio. O monumento também acabou estabelecendo, segundo Pusso (2015), toda uma relação com o seu entorno, com a Avenida Colón (Colombo), deixando de ser um monumento isolado, para fazer parte de um lugar.

Além da indisposição com vários setores da sociedade, a proposta de translado da escultura apresentou outros aspectos polêmicos. Ao definir pela movimentação do monumento, a presidenta Cristina Kirchner deliberou sobre algo que se encontrava no território da CABA e, por esta razão, a decisão presidencial entrou em conflito com a institucionalidade do patrimônio cultural de Buenos Aires, fazendo com que Macri, então prefeito da CABA, tomasse posição contrária a remoção do mesmo.

Cabe explicar que assim como o Brasil, a Argentina se configura como uma república federativa, dado que ambos os países possuem uma organização política descentralizada. A Argentina tem suas competências distribuídas entre o governo

nacional, os governos provinciais e o governo da CABA, de acordo com a legislação Argentina (MEC, 2013, p. 9–12).

É no âmbito desses poderes derivados da federação que se encontram atuantes algumas normas e instituições patrimoniais, tais como a *Lei nº 12.665* de 1940 (atualizada pela *Ley nº 27.103* de 2015), que regulamenta questões sobre o patrimônio cultural do país e o funcionamento da *Comisión Nacional de Monumentos, de Lugares e Bienes Históricos* (CNMLBH, antiga *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*). Além disso, cabe mencionar que a Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA) também possui a *Dirección General de Patrimonio e Instituto Histórico* (DGPIH) e a *Ley Nº 1227/03*, que é específica para o patrimônio cultural da cidade. Um aspecto que se destaca ao analisarmos a repercussão em torno da decisão de remoção do monumento é que, embora como patrimônio cultural, o monumento a Cristóvão Colombo acabou sendo objeto de inúmeros atores atuantes para além do campo do patrimônio, estando, sobretudo, no centro de uma disputa política e de memórias.

É sob essa perspectiva que deve se compreender a manifestação de Maurício Macri feita em 2013, quando o mesmo, publicamente, se mostrou contrário à decisão da presidência da república. Pelas redes sociais, Macri perguntou ironicamente se ao removerem o monumento a Cristóvão Colombo, os responsáveis pelo ato estariam também motivados a retirarem outros monumentos emblemáticos da cidade. Macri disse que "Si se quieren llevar el Monumento a Colón, me pregunto cuál será el siguiente [...] ¿El Monumento de los españoles? ¿El Resero de Mataderos? ¿La Flor?". Essas manifestações de Macri ocorreram logo no início da apresentação da proposta de translado do monumento. O então chefe de gabinete do governo da CABA, Horacio Rodríguez, também foi enfático em seus pronunciamentos: "Si dejamos que esto pase, mañana nos afanan el Obelisco".[8]

Cristina Kirchner e Eduardo Macri são adversários políticos ligados a partidos que publicamente se opõem, e faz sentido que isso seja mencionado, já que a disputa de ideias em torno da proposta de translado do referido monumento fez essa rivalidade uma vez mais ser explicitada. O Secretário Geral da Presidência da República Oscar Parrilli (2013) com o objetivo de explicar as motivações para a mudança de local do monumento a Colombo, após a repercussão negativa da proposta, declarou em uma

coletiva para a imprensa que Macri não tinha nem autoridade para política, nem para gestão. Parrilli (2013) falou ainda que o movimento contra o translado do monumento é apenas uma "de otra de las feroces campañas contra el gobierno nacional por parte del grupo mediático Clarín, La Nación, y con el acompañamiento del ingeniero Macri y de todo su gobierno, a través de la mentira, la difamación y de la injuria, y el agravio".[9]

A menção a supostos ataques midiáticos articulados entre algumas empresas de comunicação argentinas, junto de adversários políticos do governo nacional até então em vigência, é uma constante no cenário político atual da Argentina, e tem inúmeros desdobramentos. É notório perceber como esse bem patrimonial catalisou em si todas essas rivalidades políticas. Desta forma, parte da memória sobre a história de formação da nação Argentina foi sendo apropriada de acordo com as disputas contemporâneas direta ou indiretamente relacionadas ao monumento.

Na prática, esse processo explicitou uma característica da memória social, enquanto um fenômeno que se constrói no presente, de acordo com os fatores próprios de um determinado contexto. A memória não seria a história, mas poderia se valer desse conhecimento, na medida em que no presente a história pode fazer parte do repertório utilizado pelos sujeitos envolvidos na polêmica para validarem suas lembranças, interpretações e posicionamentos (FRENTRESS & WICKHAM, 1992, p. 39–58). Este é outro aspecto importante a ser considerado em relação à polêmica sobre a realocação do conjunto escultórico, sendo também decisivo para compreender a força com que os debates a favor ou contra a mudança do monumento se desenvolveram.

O que se observa é a relação direta entre as noções de patrimônio cultural, memória e identidade. É possível afirmar que o monumento a Cristóvão Colombo conseguiu catalisar em si essa memória histórica, que foi sendo apropriada de acordo com as identidades dos diferentes grupos e atores que reivindicaram seu entendimento como forma de se posicionar perante a polêmica. Ainda que a maior parte desses grupos esteja sob a influência de um elemento identitário comum, que é a própria existência enquanto cidadão argentino. Dessa forma, o pensamento de Candau (2011) nos ajuda a compreender parte da dinâmica de construção dessa categoria

de Patrimônio Cultural Argentino, ou de Buenos Aires, ou mesmo dos pressupostos necessários para que algum bem cultural seja reconhecido como patrimônio.

> A elaboração do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades: seu campo se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; seus contornos se definem ao mesmo tempo em que as identidades colocam, sempre de maneira provisória, seus referenciais e suas fronteiras; pode assim retroceder quando ligada a identidades fugazes ou que os indivíduos buscam dela se afastar. O patrimônio é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma. Esse projeto está destinado a permanecer sempre inacabado; ele pode mesmo se esgotar na esperança de chegar a uma memória total. (CANDAU, 2011, p. 163–164)

Em junho de 2014, por exemplo, a comunidade italiana de Buenos Aires, como forma de resistência, comemorou em torno do monumento a Colombo os 93 anos da sua instalação. Foram realizadas atividades a luz do dia, com homenagens e fotos. O advogado do Círculo Italiano Horacio Savoia declarou que “Rechazamos el ultraje llevado a cabo por las autoridades nacionales, no sólo en lo que respecta al monumento a Colón sino a todo lo que éste significa”.[10] Na opinião do jornal La Nacion (2014) o debate acirrado em torno da proposta de translado do monumento “excedió lo cultural y lo estético para plantarse definitivamente en lo político. La oposición acusó a Macri y al kirchnerismo de tejer acuerdos por debajo de la mesa pese a que exhiben confrontación en público”.[11]

Nesse caso, fazem menção ao desfecho inesperado que a polêmica tomou. Em que pese à resistência intensa por parte de vários grupos da população e as disputas políticas entre o Governo da CABA e a Presidência da República, o processo começou a tomar contornos finais mediante um acordo estabelecido entre essas duas dimensões administrativas, que terminaram por regularizar a situação do translado do monumento. Ou seja, representantes administrativos de ordem federal e provincial acabaram criando dispositivos legais para a realocação.

Em depoimento Santiago Pusso (2015)[12] relata aspectos desse acordo entre a presidência e a CABA. Ele explica que a ONG *Basta de Demoler* recorreu à justiça, argumentando que o monumento e a praça onde o mesmo se encontrava seriam patrimônios da CABA e, por essa razão, seria a cidade quem deveria definir o futuro da obra de arte. Ele relata que embora a ONG tenha demandado pela permanência

do monumento em seu local original, a administração da cidade acabou por realizar o referido acordo com a presidência da república. Por fim, definiu-se que o monumento permaneceria na CABA, porém, em nova localização.

Em 06 de agosto de 2014 foi aprovada a *Ley Nº 26.963* (Convenio de Colaboración y Cooperación) que legitimou o acordo firmado entre os governos nacional e portenho para que o monumento fosse modificado de seu lugar original para um local que se encontra em frente do Aeroporto Jorge Newbery, popularmente conhecido como Aeroparque, na CABA. O artigo primeiro desta lei expressa que:

> Apruébase el Convenio de Colaboración y Cooperación para la restauración, traslado y emplazamiento del monumento a Cristóbal Colón, celebrado entre el Estado nacional, representado por el señor Jefe de Gabinete de Ministros contador D. Jorge Milton Capitanich y la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, representada por el señor Jefe de Gabinete de Ministros, Licenciado D. Horacio Antonio Rodríguez Larreta, suscripto el 26 de marzo del año 2014. (LEY 26.963, 2014)

De fato, em julho de 2015 o diário *Clarin* registrava o trabalho de máquinas e operários envolvidos com a complexa remontagem do monumento. Além das grandes proporções do conjunto, que demandam soluções em engenharia para o reestabelecimento da forma escultórica, ainda são necessários trabalhos de restauração em avarias surgidas nas peças, em função do seu desmonte.[13]

O processo de remontagem do monumento, até o momento da escrita desse texto, não foi concluído. É difícil afirmar que poderá ocorrer alguma mudança no cenário, embora isso não possa ser descartado. Mauricio Macri conquistou o cargo de Presidente da Argentina nas eleições de 2015. Por ter inicialmente se manifestado contrário à remoção do monumento, a comunidade italiana teve a sua esperança renovada com a expectativa de que o novo presidente pudesse revogar a decisão de Cristina Kirchner, chegando a elaborar uma proposta para um projeto que previsse o retorno do monumento, de modo que ele passaria a dividir o espaço da praça original com a estátua de Juana Azurduy. Horacio Savoia falou sobre a importância de os dois monumentos estarem juntos no mesmo local, o que representaria um exemplo de diversidade cultural.[14]

No entanto, embora tenham ocorrido movimentações por parte das associações e da população interessada na manutenção do monumento, até hoje, nada foi

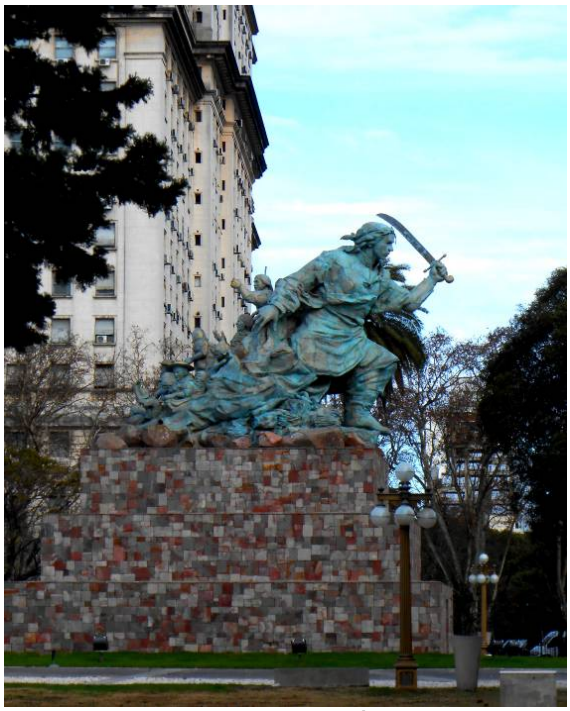
concretizado. Ainda em fevereiro de 2016 a comunidade italiana alimentava a esperança de que a vinda do Primeiro Ministro Italiano Matteo Renzi ao país criaria condições políticas para um acordo de retorno da escultura a Praça original.[15]

Considerando que a decisão de remoção do monumento a Cristóvão Colombo foi mais política do que técnica, a decisão pela manutenção do mesmo em seu local original também poderia ser. No que pese a decisão desfavorável quanto a essa possibilidade, Santiago Pusso (2015)[16] relatou que considera importante que o recurso jurídico feito tenha obrigado os envolvidos a realizarem uma ampla discussão e levou as instituições a considerarem a legislação vigente, ainda que na prática a decisão final fora pautada mais por critérios políticos do que técnicos, sem o consenso da sociedade. Na prática, os espaços formais teriam sido cumpridos, apesar da falta de consenso.

A estátua de Juana Azurduy que ao fim substituiu o monumento a Cristóvão Colombo possui cerca de nove metros de altura. Juana foi uma guerreira de origem indígena que teve uma participação importante nas lutas de independência do Vice-Reino do Rio da Prata, perante o império espanhol. O Vice-Reino da Prata foi um território da Colônia espanhola na América Latina que encampava parte do território da atual Argentina. Azurduy foi uma personagem importante no processo de independência da colônia.[17] Por essa razão, é lembrada muitas vezes como uma espécie de legítima representante dos povos latino-americanos, valoração que, de acordo com os proponentes ao monumento de Juana, não poderia ser percebida na figura de Cristóvão Colombo. Notoriamente, já no ano de 2009, a presidenta Cristina Kirchner havia promovido Juana Azurduy, por meio do *Decreto 892/2009*, como "Generala post mortem".[18]

Andrés Zerneri foi o escultor escolhido para realizar a representação de Juana Azurduy. Em entrevista ao diário *La voz de San Justo*[19] o escultor criticou Buenos Aires por se apresentar como uma espécie de cidade europeia, ainda que hoje estivesse aos poucos se voltando para sua realidade latino-americana. Zerneri foi escolhido por Evo Morales para executar a representação de Azurduy, tanto por sua experiência com a realização de grandes esculturas em bronze, como por ter realizado uma estátua de Che Guevara, instalada na cidade de Rosario (Argentina), além de sua admiração pelos heróis da história latino-americana.

Durante os quase três anos em que modelou Juana Azurduy, o escultor coordenou uma equipe de mais de quarenta pessoas. A estátua foi posicionada dentro da praça que sediava anteriormente o monumento a Colombo, em uma base inspirada na cultura pré-colombiana Tiahuanaco (ver imagem nº 3). Foi escolhido um ponto tal que a vista desde o salão "Mulheres Argentinas" da Casa Rosada fosse a mais privilegiada para apreciação visual deste monumento. A estátua representa a guerreira com uma espada na mão esquerda, um bebê nas costas envolto por um aguayo (veste tipicamente boliviana) e mais doze figuras variadas ao seu redor, com diversas menções a história latino-americana. Zerneri (2015) falou que o olhar de Juana, em sua escultura, representaria um olhar da guerreira para a América, o que se diferenciava da estátua de Colombo, que estava, na opinião do escultor, simbolicamente virada de costas para o mesmo continente.[20]



Monumento a Juana Azurduy, do escultor Andrés Zerneri, Buenos Aires, Argentina
Foto: Roberto Heiden, julho de 2015.

A inauguração do monumento a Juana Azurduy ocorreu no dia 15 de julho de 2015 e foi um acontecimento festivo e simbólico de grandes dimensões. A estátua foi apresentada ao público com a presença de Cristina Kirchner e Evo Morales, presidente da Bolívia. Músicas e danças étnicas, somadas a bailarinos suspensos no ar em torno da estátua, emolduravam a cena. Kirchner falou neste momento que

nada tinha contra Cristóvão Colombo. Porém, afirmou que "Juana, como muchos otros, Manuel Belgrano o José de San Martín, ganaron la independencia de estos pueblos y Colón ya se había ido. En realidad lo que hicimos fue hacer el justo homenaje a una mujer".[21]

O tema da nova estátua, ao ser instalada, gerou novos debates sobre quais seriam as supostas origens, as raízes da identidade e da nacionalidade argentina. Mais uma vez a comunidade de descendentes de italianos sentiu-se preterida devido a um suposto pouco reconhecimento de sua influência na construção da moderna nação, pois esta influência estaria sendo desvalorizada com a retirada do monumento a Colombo, no momento em que a figura de Juana Azurduy passaria a receber destaque.

No que pese toda a animosidade gerada em torno da remoção do monumento de Cristóvão Colombo, termina-se esse relato narrando um fato que se deu durante a polêmica. Ao removerem o monumento foi encontrada uma "cápsula do tempo" sob a sua base, contendo muitos exemplares de jornais antigos e fotografias relacionadas à sua instalação, moedas, bilhetes, medalhas, estampas e livros, todos guardados em embalagens de metal. É provável que os doadores do monumento não pudessem prever as condições inóspitas em que sua cápsula do tempo seria revelada ao público.[22]

Conclusão

Embora reconhecido como Patrimônio Cultural, o monumento a Cristóvão Colombo acabou não tendo respaldo institucional suficiente para evitar sua realocação. Ao analisar-se o caso da mudança de sítio desse monumento, foi possível observar um campo patrimonial argentino com normas consolidadas, em um verdadeiro espaço de disputas simbólicas. No entanto, interesses variados convergiram sobre o monumento e acabaram sendo mais influentes para o destino do mesmo do que a institucionalidade patrimonial existente.

Embora o monumento a Cristóvão Colombo fizesse menção ao navegador genovês do século XV, os argumentos e narrativas desenvolvidos em torno da sua polêmica remoção abrangeram aspectos variados, que vão da história do processo de

consolidação da nação argentina, da sua memória histórica, das suas influências multiculturais, até as rivalidades políticas dos governantes eleitos e envolvidos na disputa.

Notoriamente, o tema da estátua escolhido para substituir o monumento a Colombo foi decisivo para os rumos tomados pela polêmica, na medida em que justamente a contraposição da imagem de um navegador de origem colonial *versus* a de Juana Azurduy, uma guerreira libertadora da nação, também colaborou para que fosse detonada uma série de memórias conflituosas sobre quais seriam as origens a serem aceitas ou não pelo Estado argentino, quanto a seu passado oficialmente reconhecido. Ou seja, as esculturas cumpriram com sua função relacionada ao passado: direcionaram e colaboraram com a produção de memórias sobre a Argentina.

Notas

[1] Informações sobre a polêmica envolvendo os vagões *La Brugeoise* podem ser acessadas em texto disponível no diário *O Globo* intitulado "Cartas de Buenos Aires – Linha A: polemica sobre os trilhos". Disponível em: http://noblat.oglobo.globo.com/cartas-de/noticia/2013/01/cartas-de-buenos-aires-linha-polemica-sobre-os-trilhos-481167.html. Acesso em maio de 2016. Informações sobre a polêmica dos painéis de azulejos decorativos do metrô de Buenos Aires podem ser acessadas em texto do site *enelSube.com* intitulado "Murales y mayólicas, víctimas del abandono". Disponível em: http://enelsubte.com/noticias/murales-y-mayolicas-victimas-del-abandono-1024/. Acesso em maio de 2016. Informações sobre o Parque Lezama podem ser acessadas em reportagem do diário *Sección Ciudad* intitulada "Sigue la polémica por el Parque Lezama". Disponível em: http://seccionciudad.com.ar/sigue-la-polemica-por-el-parque-lezama-aid20306.html. Acesso em maio de 2016.

[2] O tema desse texto está relacionado à tese de doutorado que está sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O Estudo sobre a remoção do Monumento a Cristóvão Colombo foi realizado durante missão de estudos na *Facultad de Filosofia y Letras* da *Universidad de Buenos Aires* (UBA) entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015, realizada a partir do Convênio CAFP-UBA com o apoio da CAPES.

[3] Essas e outras informações se encontram em texto de Eduardo Parise (2012) publicado pelo diário *Clarín* em 28/05/2012 intitulado "Colón mirando hacia el Este". Disponível em: <http://www.clarin.com/ciudades/Colon-mirando_0_708529247.html>. Acesso em maio de 2016.

[4] Estas e outras informações podem ser acessadas no texto da ONG *Salvemos las Estatuas* intitulado "Comunicado de "Salvemos las Estatuas" ante el traslado del monumento a Colón a Mar del Plata". Disponível em:<http://bastadedemoler.org/?p=6071>. Acesso em maio de 2016.

[5] Cristina Amalia Lopez (2014) realizou uma detalhada contextualização histórica sobre o Monumento a Cristóvão Colombo e sobre as principais etapas da polêmica em torno da sua remoção nos anos de 2013 e 2014, sobretudo as etapas judiciais e muitas das questões legais envolvidas, em seu texto intitulado "Estudio de sitios patrimoniales: El Caso del Monumento a Cristóbal Colón". O texto está disponível em: http://www.revistahabitat.com/noticias/val/2184/sec_val/98/estudio-de-sitios-patrimoniales-%E2%80%9Cel-caso-del-momento-a-crist%C3%B3bal-col%C3%B3n%E2%80%9D.html. Acesso em maio de 2016.

[6] A manifestação de Gabriel Levinas pode ser acessada em reportagem do Diário *La Nacion* de 16/08/2014 intitulada "Cristóbal Colón, víctima de la batalla cultural" disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1719148-cristobal-colon-victima-de-la-batalla-cultural>. Acesso em maio de 2016.

[7] Entrevista realizada em Buenos Aires, em fevereiro de 2015.

[8] Todas essas manifestações públicas de Mauricio Macri e de Horacio Rodríguez podem ser acessadas por meio de redes sociais ou a partir de reportagem publicada pelo diário *Clarín* em 01/06/2013 intitulada "Macri: "Si se quieren llevar el Monumento a Colón, me pregunto cuál será el siguiente"" disponível em: <http://www.clarin.com/ciudades/publica-sostuvo-defensor-adjunto-Ciudad_0_929907302.html>. Acesso em janeiro de 2015

[9] As manifestações de Oscar Parrilli podem ser acessadas em reportagem de 01/07/2013 do diário *TELAM* intitulada "Vamos a restaurar El monumento a Colón por más que Le pese a Macri". Disponível em http://www.telam.com.ar/notas/201307/23249-vamos-a-restaurar-el-monumento-a-colon-por-mas-que-le-pese-a-macri.html. Acesso em janeiro de 2015.
[10] Informações disponíveis na reportagem de 16/06/2014 do diário *La Nacion* intitulada "En un mes empezarán a mudar la estatua de Colón a Aeroparque". Disponível em <http://www.lanacion.com.ar/1701653-en-un-mes-empezaran-a-mudar-la-estatua-de-colon-a-aeroparque>. Acesso em janeiro de 2015.
[11] Informações disponíveis em reportagem de 12/08/2014 do diário *La Nacion* intitulada "Monumento a Cristóbal Colón: promulgan la ley del traslado". Disponível em <http://www.lanacion.com.ar/1717916-monumento-colon>. Acesso em dezembro de 2015.
[12] Entrevista realizada em Buenos Aires em fevereiro de 2015.
[13] A reportagem do diário *La Nacion* de 25/07/2015 intitulada "Comenzaron los trabajos en Costanera Norte para montar el Monumento a Colón" apresenta essas informações disponíveis em: http://www.lanacion.com.ar/1813391-comenzaron-los-trabajos-en-costanera-norte-para-montar-el-monumento-a-colon. Acesso em maio de 2016.
[14] Essas e outras informações estão disponíveis em reportagem do Diário *La Nacion* de 11/12/2015 intitulada "Colón contraataca: pedirán al nuevo gobierno que La estatua regrese a La Rosada". Disponível em: http://www.lanacion.com.ar/1853102-colon-contraataca-pediran-al-nuevo-gobierno-que-la-estatua-regrese-a-la-rosada. Acesso em maio de 2016.
[15] Essas e outras informações estão disponíveis no texto do diário *La Nacion* de 16/02/2016 intitulado "La visita de Matteo Renzi despierta expectativa por El destino de Colón". Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1871358-la-visita-de-matteo-renzi-despierta-expectativa-por-el-destino-de-colon>. Acesso em maio de 2016.
[16] Entrevista realizada em Buenos Aires em fevereiro de 2015. Tradução própria.
[17] Informações de acordo com reportagem do diário *La Nacion* de 19/09/2014 intitulada "Colón se va a la Costanera, pero la mudanza tardará un año". Texto disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1728417-colon-se-va-a-la-costanera-pero-la-mudanza-tardara-un-ano>. Acesso em dezembro de 2016.
[18] O texto do Decreto 892/2009 está reproduzido em publicação de 04/07/2013 do Diário *La Nacion*, disponível em: http://blogs.lanacion.com.ar/historia-argentina/personalidades/juana-azurduy-ascendida/. Acesso em maio de 2015.
[19] Informações acessíveis no Diário *La voz de San Justo* em reportagem do dia 21/07/2015 intitulada "El Monumento de Juana Azurduy invita a repensar El pasado". Entrevista com o escultor Andrés Zerneri" disponível em: http://www.lavozdesanjusto.com.ar/subsitios/entrevista_semanal/entrevista_semanal.php?id_entrevista=180. Acesso em maio de 2016.
[20] Informações disponíveis em reportagem do diário *La Nacion* de 16/07/2015 intitulada "Cómo es y qué representa la estatua de Juana Azurduy" disponível em: http://www.lanacion.com.ar/1810748-como-es-y-que-representa-la-estatua-de-juana-azurduy. Acesso em maio de 2016.
[21] A reportagem do diário *La Nacion* de 16/07/2015 intitulada "Junto con Evo Morales, Cristina inauguró la estatua de Juana Azurduy" apresenta a fala de Cristina Kirchner e outras informações sobre a cerimônia de apresentação ao público da obra. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1810825-junto-con-evo-morales-cristina-inauguro-la-estatua-de-juana-azurduy>. Vídeo com imagens da cerimônia de inauguração pode ser acessado no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1_hnRUEYAc>. Acesso em maio de 2016.
[22] Mais informações sobre esse achado estão disponíveis em reportagem de 02/04/2014 do diário *La Gaceta* intitulada "Hallan un tesoro histórico debajo del monumento a Colón" disponível em: <http://www.lagaceta.com.ar/nota/585429/sociedad/hallan-tesoro-historico-debajo-monumento-colon.html> Acesso em janeiro de 2015.

Referências

ARGENTINA. *Ley 26.963*. Convenio de Colaboración y Cooperación. Aprobación. Disponível em: <http://www.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/230000-234999/233331/norma.htm>. Acesso em maio de 2016.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *A educação infantil nos países do MERCOSUL: análise comparativa da legislação* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília MEC/SEB: 2013. 132 p. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/educacao_infantil.pdf. Acesso em maio de 2016.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Annablume, 2009.

FRENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Editorial Teorema, LDA, 1992.

LOPEZ, Cristina Amalia. *Estudio de sitios patrimoniales: "El caso Del Monumento a Cristóbal Colón"*. Disponível em: <http://www.revistahabitat.com/noticias/val/2184/sec_val/98/estudio-de-sitios-patrimoniales-%E2%80%9Cel-caso-del-momento-a-crist%C3%B3bal-col%C3%B3n%E2%80%9D.html>. Acesso em maio de 2016.

Roberto Heiden
Doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel, 2008), graduado em Artes Visuais (UFPel–Licenciatura, 2005). Professor do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro (DMCOR) da UFPel, atuando nos cursos da área de Patrimônio Cultural. Em suas pesquisas dedica-se ao estudo das políticas públicas para o patrimônio e as relações entre arte e memória.